

A mulher de Lot

PÉRICLES DA CUNHA

O dr. Ulysses, com toda a sua experiência, ainda não aprendeu a mensagem do Antigo Testamento: "A mulher de Lot olhou para trás e se converteu numa coluna de sal".

Ao lembrar o caso Rubens Paiva, na hora em que todo o Brasil olhava para o futuro que se descontinava com a promulgação da Constituição, deu a impressão de que discursava não para a Nação, como o líder maior da Constituinte, mas como o candidato a cortar aquela minoria radical que, esquecida do perdão, vive deslumbrada a cantar loas ao ditador cubano.

Violências e desrespeitos aos direitos humanos ocorreram no passado recente, mas não é justo pinçar um caso reconhecidamente lamentável e condenável, para aivar feridas que a todos interessa ver cicatrizadas. Por acaso não era também sociedade o praticante de 18 anos que foi pulverizado por um carro-bomba enquanto guardava o Quartel do Ibirapuera? Um jovem totalmente inocente sacrificado por mãos tão assassinas como as que mataram Rubens Paiva.

A sociedade sempre acaba vencendo, como afirmou o dr. Ulysses, mas a inércia e o interesse menor de grupos podem levar a grandes sacrifícios. A sociedade, liderada pelo dr. Ulysses, clamou por "diretas já" em 1984 enquanto Tancredo Neves costurava um acordo de cúpulas para chegar ao poder sem o voto do povo.

A sociedade teria sido Ulysses Guimarães se no 15 de março de 1985 tivesse assumido a Presidência da República, como mandavam a Constituição e a vontade popular, e não concordado com a manobra de dar posse a um político despreparado e sem sustentação política.

O Estado dilapidou as reservas cambiais recebidas pela Nova República ao usar o Plano Cruzado para fins eleitorais. A sociedade elegeu a bancada majoritária de governadores e constituintes do PMDB e está pagando a conta dos desmandos da economia.



A sociedade elegeu majoritariamente o PMDB para a Constituinte e clamou pelos quatro anos para Sarney. Dr. Ulysses não foi a sociedade ao possibilitar que as burras abarrotadas do Estado neutralizassem seu partido a ponto de permitir que minorias concedessem os cinco anos, frustrando a vontade popular.

Não será aivando feridas do passado que construiremos uma grande nação, não será lembrando a Intentona de 35 ou os momentos difíceis do regime militar que resolveremos nossos problemas. Toda guerra é cruel e, se conseguíssemos filmar somente as ações de um dos lados, qualquer que seja, veríamos as atrocidades cometidas, todas dignas de facinoras.

Pensei que a Constituinte tivesse nos ensinado a olhar para a frente, mas o seu presidente deu uma demonstração de que pelo menos os nossos políticos continuam propensos a obsessões retrospectivas, com o futuro limitado à próxima eleição. Talvez esta atitude seja fruto de incertezas; quando não se tem seguro o presidente, é difícil pensar no futuro, é mais fácil cair na recriminação mútua. Não se alcança a grandeza buscando explicação para a própria debilidade. A grandeza se alcança fazendo o difícil e o difícil é evitar o atalho da demagogia e enfrentar o duro caminho por onde só transitam os estadistas.

Olhar para trás quando faltam somente 135 meses para en-

trarmos no século 21 é, no mínimo, uma perda de tempo de que não mais dispomos. Uma das poucas certezas que temos é a de que já nasceu a nossa força de trabalho para o primeiro quarto de século e o seu perfil não é nada promissor. Nossos problemas são tantos e tão complexos que somente serão resolvidos se tivermos a coragem de enfrentá-los olhando sempre para a frente e usando o passado unicamente como subsídio e nunca como fim.

Precisamos é de um estadista do porte de um De Gaulle que juntou os cacos de uma França mutilada pela guerra, restabeleceu a grandeza nacional e ganhou o reconhecimento de todos os franceses; de um Roosevelt que, recebendo de Hoover o cadáver de uma estrutura econômica aniquilada pela crise de 29, empreitou a sua ressurreição com um perfil no qual predominava a justiça social; de um estadista com a capacidade de sintetizar as demandas populares e seus anseios, e traduzi-los num projeto nacional que conte com o amplo apoio da maioria; que seu comportamento vise exclusivamente ao bem público com o resgate da verdadeira cidadania sem os medíocres "opção pelos pobres" e "tudo pelo social", que não passem de pura retórica a ocultar a verdadeira intenção de manter a pobreza sob controle para projetos eleitorais; que diga aos brasileiros: "vamos esquecer as rixas do passado e vamos lutar para que nunca mais ocorram lutas fratricidas, que a única forma de evitarmos retrocessos é através da criação de uma sociedade justa".

A luta deve ser para que a Constituição-cidadã, a Constituição-coragem do dr. Ulysses perca seus qualificativos e se transforme na Constituição brasileira que orientará o nosso futuro e não adquire o derradeiro e perigoso adjetivo de Constituição-decepção a dar razão aos pregoeiros da Constituição-utopia.

Não percamos tempo olhando para trás para que não caiamos no mesmo erro da mulher de Lot.